

## DIÁRIO DE NOTÍCIAS

### DESEMPREGO, A GRANDE PRIORIDADE

por Mário Soares

Parece ser unânime que, perante o desemprego, sempre em crescendo, a opinião das pessoas é que a grande prioridade, na crise que atravessamos, reside no combate contra o desemprego. Há outras, obviamente: a pobreza; a impunidade dos banqueiros desonestos; as desigualdades sociais, cada vez maiores; o rigoroso controlo dos gastos públicos; etc. A consciência difusa, no entanto, por toda a parte, de que o desemprego vai continuar a crescer, dadas as dificuldades que as empresas, pequenas e grandes, encontram para se manter, a falta de crédito que as afecta, a baixa das exportações e o facto do recurso mais fácil, para os empresários menos responsáveis, ser o despedimento dos trabalhadores, mesmo quando não estão em situação de falência...

Por outro lado, como tenho aqui dito e repetido que, aberto o ciclo das campanhas eleitorais, para as três eleições que se avizinham, a começar pelas europeias, todos os partidos da Oposição, perante um Governo maioritário, que vai fazer quatro anos, não resistem à tentação de apontar-lhe o dedo acusador, gritando às massas populares: "Eis o responsável de tudo, José Sócrates e o seu Governo"! O que é falso e mesmo perigoso, até para aqueles que utilizam tal acusação. É fácil de perceber porquê.

Primeiro, a crise global que atravessamos, começou na América do Norte, com a implosão do neo-liberalismo, quase vinte anos depois da implosão do universo soviético, por forma também inesperada e ambas mais ou menos pacíficas. Alargou-se depois à Europa, começando pela Irlanda e a Islândia, depois o Reino Unido, os países Nórdicos, a França e a Alemanha e só então atingindo os países do Sul, a Espanha, Portugal e a Grécia, e agora chegou, em força, aos países do Leste europeu. Tornou-se, assim, uma crise, pela primeira vez, verdadeiramente mundial, não escapando a ela nenhum, sejam os chamados países emergentes sejam os outros, mais ricos ou mais pobres, dos cinco Continentes.

Como é possível, então, responsabilizar um governo - qualquer que seja a sua composição partidária - por uma crise importada, que se propagou com imensa velocidade pelo mundo inteiro e que está a flagelar duramente países importadores das nossas exportações, como a Espanha, a braços com uma crise mais profunda do que a nossa, a Alemanha, o Reino Unido e a França? Tanto mais que o Governo, antes da crise até tinha eliminado o deficit, o que foi uma proeza louvável, embora de novo, agora, tenha voltado a crescer, por efeito da mesma crise e de algumas das medidas financeiras tomadas para a combater?

Segundo, porque os partidos da Oposição se têm dispensado de fazer uma crítica coerente da actuação do Governo, no combate à crise e de apresentar políticas alternativas às do Governo, no

caso de virem a ser poder, pela força do voto popular. E isso é perigoso para a estabilidade dos próprios partidos políticos, uma vez que não assumem as suas responsabilidades e parecem limitar-se a abraçar a ideia simplista de que "quanto pior, melhor". Ora não é assim. Se não disserem o que fariam se fossem Governo, isso pode vir a prejudicá-los uma vez que o que interessa aos eleitores, no actual momento, é que lhes digam, claramente, como se pode combater a crise a sério e sair dela, uma vez que voltar ao passado é impossível.

Importa ainda acrescentar que Portugal, como membro da União Europeia, depende muito das políticas europeias - e da sua eficácia - para o combate à crise. Se não tivéssemos aderido ao euro, com Guterres, onde estaríamos agora? Respondam os euro-cépticos! Devemos participar, por isso, activamente, no debate europeu, uma vez que a União tem estado politicamente paralisada e devemos contribuir, quanto pudermos, para pôr o motor franco-alemão, de novo, em funcionamento. Ora, a Europa não foi capaz de delinear, até agora, uma estratégia concertada, entre todos os Estados membros, de ataque à crise. É urgente fazê-lo. Nesse sentido, está mais atrasada, infelizmente, para nós, europeus, do que a América de Barack Obama. Com a qual a União Europeia deve, cada vez mais, estreitar os laços...

Alguém tem dúvidas disso, hoje? Ou preferimos entrar em profunda decadência, num mundo multilateral, que tão rapidamente está a evoluir, não obstante a crise?

A circunstância de sermos chamados às urnas já em 7 de Junho, tempo que passa num ápice, devia levar todos os Partidos a discutir o nosso papel na Europa e como devemos - se possível em convergência com a Espanha - influenciar as políticas europeias. Ora isso, teórica e praticamente não tem acontecido. Discutem-se problemas nacionais e discutem-se assuntos menores de política politiqueria, que pouco têm a ver com a Europa. Assim, como podemos protestar, reagir e convencer os eleitores, a votar, contra a abstenção devastadora que se anuncia? Os partidos, sem excepção, nos breves debates que, entre si, têm trocado, infelizmente, parece não lhes interessar as questões europeias. Ora a Europa tem tudo a ver com o nosso futuro colectivo. Não sairemos da crise sem uma estratégia conjunta em que todos os países se comprometam. E a verdade, é que todos os partidos, incluindo o PS, o partido do Governo, parecem não ter consciência disso, à excepção, naturalmente, dos movimentos de jovens europeístas, das direcções dos grandes partidos europeus, sediados em Bruxelas e dos candidatos a deputados do Parlamento Europeu, sobretudo os que já foram deputados em anteriores legislaturas.

Temo, assim, que as próximas eleições sejam mais uma vez uma oportunidade perdida e que os cidadãos europeus dos 27 cada vez se afastem mais das instituições com sede em Bruxelas. Uma tragédia à vista!

Quanto ao combate ao desemprego, enquanto a crise não forçar o aparecimento de um novo paradigma político, económico e social europeu - como Obama está a tentar na América - não me parece que a crise possa ser vencida ou sequer controlada e reduzida. Os Governos europeus não estão convencidos que seja assim, infelizmente. Pensam que tudo poderá arranjar-se, sem grandes alterações de comportamento, de estilos de vida e das mudanças de políticas. Mesmo os governos que se reclamam do socialismo democrático.

Esquecem que para além do desemprego - que condiciona toda a economia - há dimensões que, em conjugação com a pobreza, a marginalização de imigrantes e da população considerada marginal, geram a violência, o mal estar, o desespero, a criminalidade, a revolta... Há sinais graves já, disso mesmo, em países da Europa, onde menos esperaríamos: na França, na Alemanha, na Grécia, na Itália. Os Governos, os Sindicatos e os Partidos, se não estiverem atentos - e não se entenderem - quanto à segurança dos cidadãos, ponto fulcral em período de crise, podem ser vítimas dessa contestação, que nasce espontaneamente e se propaga com a rapidez dos incêndios. Atenção, pois! É da sabedoria popular, que é péssimo brincar com o fogo...

Lisboa, 26 de Maio de 2009